

LEIA NESTA EDIÇÃO:

1 - Um minuto de Reflexão; 2 - Museu do Mel em Minas Gerais; 3 - Colapso das colônias - Será que plantações de transgênicos estão matando as abelhas ?; 4 - Mel vira sistema de alarme contra poluição; 6 – Sites Interessantes (Grupos de Discussão; 7 – DICAS interessantes; 8 - Mel brasileiro para o consumidor árabe; 9 – Pesquisadora piauiense mostra que abelhas estão sumindo no Mundo; 10 - Pacientes buscam a cura de doenças no veneno das abelhas; 11 – Paraná vai aderir ao sistema nacional de inspeção de produtos de origem animal; 12 - Blumenau ganha Centro de Excelência sobre Abelhas; 13 - Rio Grande do Sul: Câmara do Mel será reativada; 14 – Bioquímico sugere forma industrializada; 15 - Sociedade de Reumatologia compara prática à homeopatia; 16 - Mel vira sistema de alarme contra poluição; 17 - Apicultores elegem diretoria da FEPA para o biênio 2007/2009; 18 - 1º Fórum Apícola Associativo Região Sul

1 – Um minuto de Reflexão

"As oportunidades são como o nascer do sol, se você esperar demais, vai perdê-las." William Arthur Ward

· "Sua viagem para a realização é impulsionada pelos objetivos que você determina ao longo do caminho."
Chérie Carter-Scott

2 – Museu do Mel em Minas Gerais

O mel é sucesso em Santa Bárbara, região central de Minas Gerais. Gera emprego e renda para muitos produtores e agora faz parte da vida cultural do município: ganhou um museu. Cercada pelas montanhas, a 98 quilômetros de Belo Horizonte, a cidade mineira é famosa pela produção de mel. Os 110 apicultores de Santa Bárbara produziram 410 toneladas no ano passado. "Santa Bárbara tem várias floradas ao mesmo tempo, seja a silvestre, seja a do eucalipto", diz o criador Boris Alexeeff.

A atividade é uma importante fonte de renda na pequena cidade – são 200 empregos diretos. O mel na região tem tanto destaque que até ganhou um museu. O casarão do século 18 foi restaurado para receber turistas e moradores da região. É um passeio pela história da apicultura no mundo e no Brasil, onde o visitante conhece também as técnicas de produção do mel.

Numa aula sobre a criação de abelha, o roteiro inclui o quintal da casa, onde há colméias com abelhas que não atacam. "O mel é um tipo de alimento que ajuda a sarar quem está com tosse e gripe", comenta um garotinho. A cozinha da casa também recebe visitantes para cursos de culinária – uma oportunidade de experimentar sabores e descobrir histórias.

Fonte: <http://globo ruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-288620,00.html> - 28/06/2007

3 - Colapso das colônias - Será que plantações de transgênicos estão matando as abelhas?

Uma dizimação misteriosa das populações de abelhas preocupa os apicultores alemães, enquanto um fenômeno semelhante nos EUA está assumindo gradualmente proporções catastróficas

Gunther Lats - Walter Haefeker é um homem que está acostumado a pintar cenários sombrios. Ele faz parte do conselho diretor da Associação Alemã de Apicultores e é vice-presidente da Associação Européia de Apicultores Profissionais. E como reclamar faz parte da atividade do lobista, é praticamente seu dever profissional alertar que "a própria existência da apicultura está em risco".

O problema, disse Haefeker, tem várias causas, uma delas o ácaro Varroa, oriundo da Ásia, e outra a prática disseminada na agricultura de borrfar as flores silvestres com herbicidas e promover a monocultura. Outra possível causa, segundo Haefeker, é o uso crescente e controverso de engenharia genética na agricultura. Em 2005, Haefeker encerrou um artigo para o jornal "Der Kritischer Agrarbericht" (Relatório Agrícola Crítico) com a citação de Albert Einstein: "Se a abelha desaparecer da superfície do planeta, então ao homem restariam apenas quatro anos de vida. Com o fim das abelhas, acaba a polinização, acabam as plantas, acabam os animais, acaba o homem".

Eventos misteriosos meses fizeram a visão apocalíptica de Einstein parecer mais relevante. Por motivos desconhecidos, as populações de abelhas por toda a Alemanha estão desaparecendo - algo que até o momento está prejudicando apenas os apicultores. Mas a situação é diferente nos Estados Unidos, onde as abelhas estão morrendo em números dramáticos que as conseqüências econômicas poderão ser calamitosas. Ninguém sabe o que está causando a morte das abelhas, mas especialistas acreditam que o uso em grande escala de plantas geneticamente modificadas nos EUA poderia ser um fator.

Felix Kriechbaum, um representante da associação regional de apicultores na Baviera, informou um declínio de quase 12% na população local de abelhas. Quando as "populações de abelhas desaparecem sem deixar vestígio", disse Kriechbaum, é difícil investigar as causas, porque "a maioria das abelhas não morre na colméia". Manfred Hederer, o presidente da Associação Alemã de Apicultores, quase que simultaneamente informou uma queda de 25% nas populações de abelhas por toda a Alemanha. Em casos isolados, disse Hederer, declínios de até 80% foram informados. Ele especula que "alguma toxina em particular, algum agente do qual não estamos familiarizados", está matando as abelhas.

Até o momento, os políticos têm demonstrado pouca preocupação diante de tais alertas e da situação difícil dos apicultores. Apesar de estes terem recebido uma chance de expor seu caso às vésperas da aprovação pelo Gabinete alemão do documento de política de engenharia genética, suas queixas ainda permanecem em grande parte ignoradas. Mesmo quando os apicultores recorrem à Justiça, como fizeram recentemente, eles só podem sonhar com o tipo de atenção da mídia que grupos como o Greenpeace atraem com seus protestos em locais de teste.

Mas isto poderá mudar em breve. Desde novembro passado, os Estados Unidos estão vendo um declínio das populações de abelhas tão drástico que ofusca todas as ocorrências anteriores de mortalidade em massa. Os apicultores na Costa Leste dos Estados Unidos se queixam de terem perdido mais de 70% de suas colônias desde o final do ano passado, enquanto a Costa Oeste vê um declínio de até 60%.

Em um artigo, o "New York Times" calculou os prejuízos que a agricultura americana sofreria em caso de dizimação das abelhas. Especialistas da Universidade de Cornell, estimaram o valor que as abelhas geram - polinizando plantas de frutas e legumes, amendoeiras e trevos que alimentam animais - em mais de US\$ 14 bilhões.

Os cientistas chamam o fenômeno de "Colony Collapse Disorder" (CCD - Desordem de Colapso da Colônia) ele está se transformando em uma espécie de catástrofe. Várias universidades e agências do governo formaram um "Grupo de Trabalho para CCD" para procurar as causas da calamidade, mas até o momento continuam de mãos vazias. Mas, como Dennis van Engelsdorp, um apicultor da Pensilvânia, eles já estão se referindo ao problema como um potencial "Aids do setor de apicultura".

Uma coisa é certa: milhões de abelhas simplesmente desapareceram. Na maioria dos casos, tudo o que resta nas colméias são proles condenadas. Mas as abelhas mortas não são encontradas - nas colméias e nem em lugar próximo delas. Diana Cox-Foster, um membro do Grupo de Trabalho, disse ao "The Independent" que os pesquisadores estão "extremamente alarmados", acrescentando que a crise "tem o potencial de devastar o setor de apicultura americano". É particularmente preocupante, disse ela, a morte das abelhas ser acompanhada por sintomas "que não parecem se enquadrar em nada na literatura".

Em muitos casos, os cientistas encontraram evidência de quase todos os vírus de abelha conhecidos nas poucas abelhas sobreviventes encontradas nas colméias, após a maioria ter desaparecido. Algumas apresentavam cinco ou seis infecções ao mesmo tempo e estavam infestadas de fungos - um sinal, disseram especialistas, de que o sistema imunológico dos insetos pode ter entrado em colapso.

Os cientistas também estão surpresos com o fato de abelhas e outros insetos geralmente deixarem as colméias abandonadas intactas. Populações próximas de abelhas ou parasitas normalmente atacariam os depósitos de mel e pólen das colônias que morreram por outros motivos, como um frio excessivo no inverno. "Isto sugere que há algo tóxico na própria colônia que os repele", disse Cox-Foster.

Walter Haefeker, o diretor da associação alemã de apicultura, especula que "além de vários outros fatores", as plantas geneticamente modificadas, resistentes a insetos, atualmente serem usadas em 40% das plantações de milho americanas pode ter um papel. O número é muito menor na Alemanha - apenas 0,06. Haefeker recentemente enviou a um pesquisador do CCD alguns dados de um estudo que mostra uma possível conexão entre a engenharia genética e a doença nas abelhas.

O estudo em questão é um projeto de pesquisa realizado na Universidade de Jena, de 2001 a 2004. Os pesquisadores examinaram os efeitos do pólen de uma variante geneticamente modificada de milho, chamada "milho Bt", sobre as abelhas. Um gene de uma bactéria do solo foi inserido no milho, que permitiu à planta produzir um agente que é tóxico a pragas de insetos. O estudo concluiu que não havia evidência de "efeito tóxico do milho Bt em populações saudáveis de abelhas". Mas quando as abelhas usadas nas experiências foram infestadas por um parasita, algo estranho aconteceu. Segundo o estudo da Jena, "um declínio significativamente forte no número de abelhas" ocorreu entre insetos que se alimentaram de uma ração altamente concentrada de Bt.

Segundo Hans-Hinrich Kaatz, um professor da Universidade de Halle, a toxina bacteriana no milho geneticamente modificado pode ter "alterado a superfície dos intestinos das abelhas, o suficiente para enfraquecê-las e permitir a entrada dos parasitas - ou talvez tenha sido o contrário. Nós não sabemos".

É claro, a concentração da toxina era dez vezes superior nas experiências do que no pólen normal do milho Bt. Além disso, a ração das abelhas foi ministrada ao longo de um período de seis semanas. Kaatz preferia continuar estudando o fenômeno, mas carecia de recursos. "Aqueles que têm o dinheiro não estão interessados nesta pesquisa", disse o professor, "e aqueles que estão interessados não tem o dinheiro".

Fonte: Der Spiegel - 23/03/2007 – contribuição: "M STERZA" - msterza@hotmail.com - 28 Jun 2007

4 - Mel vira sistema de alarme contra poluição

Produção de abelhas 'recolhe' substâncias nocivas e indica problemas ambientais. Método pode ser forma barata e relativamente simples de avaliar poluentes.

Reinaldo José Lopes Do G1, em São Paulo, com informações da EPTV

Reprodução - Abelha na flor: produção de mel traz registros preciosos do ambiente. A colméia não é apenas a casa das abelhas: pode ser também um detector sofisticado e relativamente barato de poluentes dos mais variados tipos, indica uma pesquisa feita por cientistas da USP e da Unesp de Bauru, no interior paulista. Acontece que o mel produzido pelos insetos traz um registro espantosamente preciso das substâncias presentes no ambiente que os cerca, trazendo informações sobre, por exemplo, o uso de pesticidas nas flores que elas visitam.

O trabalho de campo que chegou a essas conclusões foi coordenado por Marcos Vinicius Almeida, mestrando da USP de São Carlos. Almeida e seus colegas usaram como "voluntárias" as abelhas de um conjunto de colméias experimentais, que fica na Reserva Campo Novo Vargem Nova, em Bauru. Trata-se de uma área de mata nativa perto do campus da Unesp da cidade. Embora morem perto da floresta, as abelhas domésticas (da espécie *Apis mellifera*) da reserva também visitam as regiões vizinhas, que incluem plantações de milho, pomares com mangas, pastos, uma área industrial e uma pista de kart.

Almeida explica que a grande quantidade de indivíduos em cada colméia de abelhas ajuda a fazer uma cobertura bastante ampla da região - é quase como se elas fossem milhares de pequenos sensores, conseguindo amostras de todo o ambiente. Essas amostras podem vir de quase todo o tipo de substrato, diz o pesquisador: "Os poluentes que encontramos podem vir da seiva das plantas, da água que as abelhas usam ou mesmo pelo ar, via dispersão atmosférica". O resultado é que o mel obtido em Bauru contém nada menos que 48 pesticidas diferentes.

Alguns deles pertencem ao grupo dos organoclorados, especialmente tóxicos e proibidos no Brasil desde a década de 1980. Isso, no entanto, não é necessariamente motivo de preocupação, ressalva Almeida. "A maioria dos poluentes que achamos estão na faixa dos ppbs, ou partes por bilhão", conta ele. "Só um, o melation, aparece dentro da faixa dos ppms, ou partes por milhão."

Os níveis, por si sós, não são preocupantes para quem queira consumir o mel, por exemplo. Mas o trabalho é uma prova de princípio de que o doce produto do trabalho das abelhas pode ser usado como um indicador de qualidade ambiental. "Seria um sistema de alerta", diz o pesquisador da USP.

Fonte: ciadaabelha@yahoogrupos.com.br - 3/07/2007 – Contribuição: Alzira Vieira - Coordenação Nacional da REDE APIS - Unidade de Agronegócios e Territórios Específicos - UAGRO - SEBRAE NACIONAL - 61-3348.7225 - e-mail: alzira@sebrae.com.br

5 - Grupos de Discussão na Internet

Grupos (listas) de discussões voltados e/ou relacionados à apicultura:

- 1 - Apacame - Endereço(s) de e-mail(s): apacameplenario@yahoogrupos.com.br;
- 2 - Árvores - Endereço(s) de e-mail(s): arvores@yahoogrupos.com.br;
- 3 - Apiário Dominus: Endereço(s) de e-mail(s): apiario-dominus@yahoogrupos.com.br;
- 4 - Cia. da Abelha - Endereço(s) de e-mail(s): ciadaabelha@yahoogrupos.com.br;
- 5 - Flores e Frutos - Endereço(s) de e-mail(s): floresefrutos@yahoogrupos.com.br
- 6 - ABENA – abelhas nativas sem ferrão – Endereço(s) de email(s): Abena@yahoogrupos.com.br - <http://br.groups.yahoo.com/group/Abena/>.

6 – Sites Interessantes

1 - Luiz Fernando Baldoni - BALDONI PROD NAT COM IND LTDA - A BALDONI é uma das poucas empresas que atuam em todos os processos da cadeia produtiva apícola, apiário, entreposto e loja de varejo, desta maneira consegue total controle sobre manejos e processos de manipulação do mel e outros produtos das abelhas. Campinas – SP - www.baldoni.com.br - www.casadoapicultor.com.br - lbaldoni@terra.com.br - 19 3257.2828.

2 - BREYER & CIA LTDA - Laboratório de Produção e Distribuição de Produtos Naturais: Medicamentos M.S.102120-6 - (Fitoterápicos e Apiterápicos), Cosméticos e Alimentos. Entreposto de Mel e Cera de Abelhas SIF 3522 - PR447, Km0,6 - Caixa Postal 168 - CEP 84.600-000 - União da Vitória - Paraná - Brasil.
Fone: +55(42) 3522-1725 - Fax: +55(42) 3522-1881 - E-mail: info@breyer.ind.br - Web Page: www.breyer.ind.br e www.propolina.com.br.

7 – DICAS interessantes

1 - Eficiência do *Bacillus thuringiensis* var. *kurstaki* (Berliner, 1915) no controle da traça da cera *Galleria mellonella* (Linnaeus, 1758)(Lepidoptera: Pyralidae). Disponível em: http://www.editora.ufla.br/revista/29_1/art07.pdf

2 - Bioatividade do *Bacillus thuringiensis* var. *kurstaki* (Berliner, 1915) para adultos de *Apis mellifera* Linnaeus, 1758 (Hymenoptera: Apidae). Disponível em: http://www.editora.ufla.br/revista/31_2/art03.pdf

Fonte: Cia da Abelha - Apiário Mel Forte - Esdres & Helton - Riacho Fundo - Cabaceiras – PB - End. Com: Rua M^a Caetano F. de Lima, 228, Tambauzinho, - 58042-050, João Pessoa - PB Tel: (83) 3224-5224 - skype: MELFORTE – 3/07/2007.

8 - Mel brasileiro para o consumidor árabe

A Apiários Lambertucci, que já exporta o produto a granel, agora quer vendê-lo envasado, pronto para o consumo. Para atingir esta meta, uma das apostas é o mercado árabe. 'Queremos agregar mais valor à mercadoria', disse Sérgio Varussa, coordenador de exportações da empresa. STRONG - Alexandre Rocha - alexandre.rocha@anba.com.br.

São Paulo - A Apiários Lambertucci, empresa brasileira que exporta mel de abelha, quer começar a vender no mercado externo o produto já embalado, pronto para o consumidor final, e não apenas a granel, como faz atualmente. Para atingir este objetivo, uma das apostas é o mercado árabe. "Queremos colocar nossa marca, para que o mel brasileiro seja reconhecido, e agregar mais valor ao produto", disse à ANBA o coordenador de exportações da empresa, Sérgio Ricardo Varussa.

O mel sofre do mesmo mal que outros produtos brasileiros, como o café. É exportado a granel, embalado pelo comprador e reexportado para terceiros mercados sem que o consumidor fique sabendo de sua verdadeira origem. Segundo Varussa, os principais fornecedores do mercado árabe hoje são os Estados Unidos e a Alemanha. Os EUA são justamente o principal destino do mel brasileiro e a Alemanha já foi um dos mercados mais importantes, antes que a União Européia embargasse a importação do mel brasileiro sob a alegação de falhas no monitoramento de resíduos de antibióticos no produto. No entanto, de acordo com Varussa, as abelhas brasileiras são "africanizadas", mistura de espécies africanas e européias, o que garante a elas grande resistência e dispensa o uso de remédios na criação. O setor espera o levantamento do embargo ainda este ano.

"Começamos a trabalhar o mercado árabe este ano. Devido ao embargo europeu, precisamos buscar outros caminhos. Mas é um trabalho de longo prazo", afirmou Varussa. "Mas com certeza vamos dar continuidade aos contatos e, demonstrando a confiabilidade do produto e sua qualidade, teremos um mercado cativo", acrescentou. Varussa iniciou contatos que podem render negócios na Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Líbano. Ele aposta também no Japão e na África do Sul, para onde a empresa já vende mel a granel.

Além da questão do embargo europeu, a empresa quer ter um retorno maior sobre suas vendas. "Nos EUA, por exemplo, há muita oferta do produto, então o valor pago está muito abaixo do que consideramos adequado", disse Varussa. A Lambertucci negocia também com importadores do Chile, Venezuela, Panamá, Martinica e já vende para Porto Rico. De acordo com Varussa, a empresa tem capacidade para exportar 12 contêineres por mês de mel, o que dá cerca de 250 toneladas. Quando o mercado europeu estava aberto ela exportava cinco contêineres por mês, agora embarca três.

A Lambertucci, sediada em Rio Claro, no interior de São Paulo, existe desde 1982, mas começou a exportar em 2000, quando passou a explorar o mercado europeu. Ela emprega 15 pessoas e compra o mel de produtores terceirizados. Na fábrica, o mel é aquecido e filtrado, para ficar livre das impurezas, depois é feita uma análise física e química do produto e por fim é feito um blend com diferentes tipos de mel.

Contato: Apiários Lambertucci - Tel: +55 (11) 3524-8060 - E-mail: lambertucci@apiarioslambertucci.com.br
Site: www.apiarioslambertucci.com.br

Fonte: WebApacame – Veículo: Anba - Seção: Últimas Notícias - Data: 04/07/2007 - Estado: SP

9 – Pesquisadora piauiense mostra que abelhas estão sumindo no Mundo

Divulgação - Pesquisadora piauiense mostra que abelhas estão sumindo no Mundo O desaparecimento de abelhas do planeta tem preocupado autoridades de vários países. No Brasil, deputados que compõem a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados realizaram na última semana audiência pública, em Brasília, para discutir o que os cientistas chamam de desordem de colapso de colônia.

A pesquisadora Fábيا de Mello Pereira, da Embrapa Meio-Norte (Teresina-PI), unidade da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), vinculada ao Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), participou da audiência pública, apresentando um estudo sobre os sintomas e as possíveis causas desse problema que afeta as abelhas.

A desordem de colapso de colônia já foi identificada nos Estados Unidos, Alemanha, Suíça e Península Ibérica, e é caracterizada pelo fato de abelhas operárias encarregadas de coletar o néctar e o pólen nas flores não retornarem às colméias. Na avaliação de Fábيا de Mello Pereira, como esse problema ainda não foi oficialmente constatado no Brasil, a causa da morte das abelhas no território brasileiro pode ser, entre outras, por envenenamento por plantas tóxicas, ou por fome.

“Esse último motivo é causado pela má disposição das colméias em regiões sem floradas suficientes, e também pelo fato dos apicultores não fornecerem alimentos para as abelhas”, explicou a pesquisadora. Além dos problemas citados com as espécies de abelhas *Apis mellifera* (introduzidas na época do Brasil colônia), a pesquisadora comentou sobre outros problemas que afetam as abelhas nativas. Dentre eles o desmatamento e a atuação dos chamados “meleiros”, que, no processo de extração de mel, acabam matando as abelhas.

A pesquisadora afirmou ainda que é preciso monitorar o problema, dando a atenção necessária ao caso identificado em outros países, como nos Estados Unidos. “Não devemos descartar a possibilidade desse problema ocorrer no Brasil, por isso devemos ficar atentos”, disse. Para Fábيا, o desaparecimento das abelhas afetaria diretamente a apicultura (criação de abelhas). “A maior ameaça seria para o desenvolvimento sustentável, já que a apicultura, além de preservar o meio ambiente, gera renda e auxilia na inclusão social”, complementou a pesquisadora da Embrapa.

Problema ainda não atinge o País

Segundo o diretor do Centro de Estudos de Insetos Sociais da Unesp (Universidade Estadual Paulista), professor Osmar Malaspina, o problema ainda não chegou ao Brasil. Malaspina afirmou que a morte de abelhas no país pode ser decorrência de vários fatores, considerados ainda suspeitos. “No fim do ano, por exemplo, uma planta típica do cerrado produz um pólen tóxico para as abelhas, causando a morte delas”.

A seca prolongada no inverno em algumas regiões do país também é um problema, uma vez que há escassez de alimentos para as abelhas. Um terceiro fator seriam os agrotóxicos que os apicultores colocam em seus apiários. Ou seja não são ocorrências freqüentes que possam alarmar a sociedade”, explicou.

Durante a audiência pública, o fiscal federal agropecuário, Alberto Gomes da Silva, do Departamento de Defesa Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, órgão que tem a competência legal para certificar a ocorrência de doenças de plantas e animais no Brasil, afirmou que não há estudos conclusivos que comprovem que o país esteja sofrendo desse mal.

Fonte: WebApacame – Veículo: Meio Norte - PI - Seção: Home - Data: 01/07/2007 - Estado: PI

10 - Pacientes buscam a cura de doenças no veneno das abelhas

Aplicação nas costas, na altura da cintura e das axilas: estimular a produção de cortisona pelas glândulas supra-renais.

João Cândido possui esclerose múltipla: Meu tratamento é exclusivamente veneno de abelha, vitaminas e exercícios.

Roseli Arins teve diagnóstico de artrose há três anos: 'Melhor alternativa para minha saúde e qualidade de vida.' Andando com dificuldades e ajuda de uma bengala, o funcionário público aposentado João Cândido Lara Neto, de 59 anos, se dirige ao estabelecimento onde, a cada 15 dias, recebe cerca de dez ferroadas de abelha. Portador de esclerose múltipla desde os 34 anos, optou por se tratar com o veneno de abelha, ou a apitoxina, há sete anos. Meu tratamento é exclusivamente o veneno de abelha, vitaminas e exercícios", disse ele, enquanto levava as ferroadas no joelho, nas mãos e na cabeça.

"O efeito é instantâneo, já sinto a reação no meu organismo e na locomoção", relatou João, que, em seguida, levantou sozinho da cadeira e saiu andando sem a bengala. O aposentado confessa que a iniciativa do tratamento foi própria. "A maioria médica é contra a apitoxina, nem o meu neurologista, nem a minha nutróloga recomendaram que eu fizesse o tratamento", explica. O aposentado conta que, no começo da doença, fazia aplicações de veneno de cobra trazido dos Estados Unidos, cujo efeito era similar ao da abelha.

"Desde que comecei a levar as ferroadas, nunca mais tive crises. Antes, quando eu tinha crises precisava tomar cortisona, mas agora o veneno da abelha provoca a produção natural da cortisona no organismo. É muito melhor", compara João Cândido. Para ele, não há possibilidades de ficar sem as picadas da abelha. "Sinto falta. Imagine que graças ao veneno da abelha eu pude dançar com minha filha no baile de formatura dela. A minha vida mudou", conta João Cândido.

O estabelecimento, em Curitiba, onde João recebe as ferroadas não é revelado, nesta reportagem, para não aumentar a demanda de pessoas e também porque o tratamento com apitoxina não é registrado junto ao Ministério da Saúde. No local, é feita aplicação da apitoxina gratuitamente para as pessoas, cujo serviço é divulgado de boca-em-boca. A aplicação nas costas, na altura da cintura e das axilas, estimula a produção de cortisona pelas glândulas supra-renais e nos locais de dor previne a atrofia muscular.

As ferroadas, no entanto, são feitas apenas em pessoas imunes ao veneno da abelha, aquelas que são alérgicas ou hipersensíveis não podem se submeter ao tratamento – nos casos mais graves pode levar até a morte. As aplicações são cuidadosamente registradas numa ficha, com dia, total de ferroadas e local, informações exigidas pelos médicos, até porque é preciso apresentar um protocolo médico para fazer o tratamento. Na ficha também é informado os problemas de saúde: esclerose múltipla, reumatismo, artrite, hérnia de disco, dores na coluna, escoliose e fibromialgia.

"Não se trata de algo de fundo de quintal, a apitoxina é um conhecimento universal. Basta fazer uma pesquisa, ler publicações. Agora a classe médica apoiar ou não é questão de abertura de cada profissional. Sou plenamente convencida que é a melhor alternativa para minha saúde e qualidade de vida", defende a socióloga aposentada Roseli Arins, 53 anos, que recebe as ferroadas, toda semana, há mais de dois anos e

tem aprovação de um médico para o tratamento. De lá para cá, exames comprovam que a doença não teve evolução.

A socióloga teve o diagnóstico de artrose (desgaste das articulações), há três anos, e decidiu não fazer o tratamento convencional devido aos efeitos colaterais. “Não cheguei a ter dor, nem restrição dos movimentos, mas optei pela prevenção com a apitoxina, que é natural e não vai me causar transtornos ao tratar uma doença que não tem cura”, justifica Roseli, que diz ser “perfeitamente suportável” a ferroada. “Meu alergologista ficou perplexo quando soube que eu fazia o tratamento há tanto tempo. Pedi, então, um exame de rastro para abelha. O resultado foi dentro da normalidade. Ele não fez nenhum comentário”, conta ela. Flora Guedes - De Curitiba.

Fonte: WebApacame – Veículo: Folha de Londrina - Seção: Notícias - Data: 02/07/2007 - Estado: PR

11 – Paraná vai aderir ao sistema nacional de inspeção de produtos de origem animal

O Paraná está se preparando para aderir ao Sistema Brasileiro de Inspeção dos Produtos de Origem Animal (SISBI), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Com a adesão, estados e municípios poderão comercializar produtos de origem animal somente entre regiões com sistemas de inspeção equivalentes. O objetivo é garantir a qualidade dos alimentos no comércio entre as estados e municípios.

Para a adequação a esse sistema, a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento reuniu na terça-feira (12), em Curitiba, 200 técnicos da estrutura estadual do Ministério da Agricultura no Paraná e dos Núcleos Regionais da Secretaria. Eles assistiram à palestra de Nelmon Oliveira da Costa, diretor do Departamento de Inspeção dos Produtos de Origem Animal (Dipoa), do Ministério da Agricultura. Nelmon Costa esclareceu os procedimentos necessários para que o Paraná e seus municípios possam aderir ao Sistema, que se ampara no princípio da equivalência.

A legislação prevê que a comercialização de produtos de origem animal ocorra entre Estados e municípios que dispõem de regulamentos e procedimentos equivalentes para a inspeção de produtos de origem animal. Com a adesão, todos os produtos serão inspecionados e fiscalizados com o mesmo rigor em todas as regiões que aderirem ao sistema, para garantir a qualidade dos alimentos, explicou Silmar Bürer, diretor do Departamento de Fiscalização e Defesa Agropecuária (Defis).

Segundo o diretor da Secretaria, Herlon Goelzer de Almeida, que participou da abertura do encontro, o secretário da Agricultura Valter Bianchini deixou claro o compromisso firmado com o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, com a sanidade agropecuária no Paraná e essa decisão deve repercutir em todos os municípios do Estado.

Queremos um trabalho integrado também nas prefeituras municipais para fortalecer o processo de sanidade, afirmou Almeida. Os técnicos assistiram ainda a palestra Visão do Setor Produtivo Organizado nas Ações de Sanidade Agropecuária do Estado do Paraná do diretor-executivo do Fundo de Desenvolvimento da Pecuária (Fundep), Antonio Leonel Poloni, que reforçou o apoio do setor privado na intensificação das parcerias com o setor público, nas questões de sanidade agropecuária. Almeida destacou a importância do diálogo persistente com a iniciativa privada para evitar erros. A importância de um encontro como esse é ter em mente a necessidade do poder público adotar medidas para evitar as moléstias e pragas que atacam a produção, disse o diretor. E o produtor, por sua vez, terá a certeza que seu rebanho ou lavoura estarão protegidos pelas iniciativas do poder público e das associações e sindicatos de produtores que os representam, acrescentou.

Fonte: Está notícia foi publicada no SEAB - <http://www.seab.pr.gov.br> - Endereço desta notícia: <http://www.seab.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3149> - 14/6/2007

12 - Blumenau ganha Centro de Excelência sobre Abelhas

BLUMENAU - Blumenau foi escolhida para ser sede do Centro de Excelência em Pesquisa, Desenvolvimento e Difusão de Tecnologia sobre Abelhas (CPDT-ABELHAS). A confirmação se deu após a doação de uma área de 66 hectares, localizada no Distrito do Garcia, à Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). O projeto recebeu o nome de Fritz Müller, em virtude do cientista ter sido pioneiro nos estudos das abelhas no Brasil. O centro vai abrigar um parque temático, um laboratório de análises químicas dos produtos das abelhas e um laboratório de diagnóstico de enfermidades e pragas que acometem as abelhas.

WebApacame - Veículo: Jornal de Santa Catarina - Seção: Economia - Data: 04/07/2007 - Estado: RS

13 - Rio Grande do Sul: Câmara do Mel será reativada

Porto Alegre/RS - A Secretaria da Agricultura (Seapa) confirmou, ontem, que irá reativar, ainda neste mês, a Câmara Setorial do Mel do Rio Grande do Sul, grupo que não realiza reuniões desde o governo Rigotto. O pedido foi feito durante audiência com o secretário João Carlos Machado pelo presidente da Comissão de Agricultura da Assembléia Legislativa, deputado Adolfo Brito e por representantes do setor apícola.

Segundo Machado, a partir de hoje, o governo deve solicitar às entidades que indiquem novos representantes à Câmara, que também tem a participação de outras secretarias. "O mel está em uma nova fase, com novas oportunidades de criação e também de mercado aos apicultores do Estado, que é o maior produtor do Brasil. A reivindicação é coerente e a câmara deve trabalhar com políticas para atendê-la", disse o secretário. Ele adianta que os encontros ainda debaterão questões sanitárias e de organização do setor. A câmara foi criada em 2006 e teve apenas três reuniões.

Fonte: WebApacame - Veículo: Página Rural - Seção: Local - Data: 03/07/2007 - Estado: RS

14 - Bioquímico sugere forma industrializada

Curitiba - Diretor da Prodapys, empresa catarinense que produz um leque de medicamentos apiterápicos, entre eles uma pomada de uso tópico à base de apitoxina, o farmacêutico bioquímico Célio Silva defende que o uso "mais racional" do veneno da abelha é na forma industrializada.

Com a apitoxina recolhida e processada industrialmente é possível eliminar a fração alergênica do veneno para a produção de cremes, comprimidos sublingual e até produto injetável. "Com o auxílio de equipamento elétrico, as abelhas são estimuladas a ferroarem sobre uma placa de vidro. Como não conseguem introduzir o ferrão na placa, elas descarregam o veneno sobre a mesma. Este processo não provoca qualquer dano à abelha", explica. Célio Silva afirma que a apitoxina é uma substância complexa produzida pelas abelhas com ferrão (*Apis mellifera*) e constituída de diversas enzimas. Pesquisas científicas demonstraram que o veneno da abelha é um excelente anti-inflamatório, recomendado para doenças auto-imunes e reumáticas, além de outros processos inflamatórios (não-bacterianos) como tendinite e bursite.

"Nossa empresa já financiou diversas pesquisas científicas sobre apitoxina e, há anos, tenta registrar produtos com apitoxina no Ministério da Saúde (MS). Como é um ativo novo para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), isto requer inúmeros procedimentos com grande investimento para que um novo ativo seja registrado", justifica. Ele informa que a Prodapys desenvolveu um comprimido sublingual com apitoxina, com ótimos resultados de pesquisas, mas que não conseguiu registrar na Anvisa. Já o creme para uso tópico está em processo de registro. A assessoria de imprensa da Anvisa informou que não existe medicamento registrado no órgão com apitoxina na composição.

O bioquímico esclarece que a apitoxina não age diretamente sobre a doença, mas um de seus mecanismos atua no eixo hipofisário, estimulando as glândulas supra-renais a produzirem cortisol, que é um

antiinflamatório fisiológico. "A apitoxina é uma das poucas substâncias que podem ser absorvidas via cutânea. As aplicações tópicas com cremes duplicam o nível de cortisol sanguíneo em 60 minutos. Ao ser absorvido pela pele, o veneno provoca uma vasodilatação no local facilitando posteriormente a ação do cortisol produzido pela supra-renal, que por sua vez foi estimulada pela apitoxina", detalha o farmacêutico.

Segundo Silva, o objetivo do uso da apitoxina é a cura total das patologias. As doenças auto-imunes necessitam de um tratamento superior a seis meses, caso contrário a interrupção implica no retorno do mal. "A apitoxina seria uma ótima ferramenta para o tratamento de doenças reumáticas. Infelizmente, em nosso País não há estímulos para pesquisas, principalmente se não houver interesse das grandes multinacionais farmacêuticas", lamenta o bioquímico. Ele observa que em países da Europa Oriental se encontram medicamentos à base de apitoxina, como o "Forapin e Salbe", produzidos pelos alemães.(F.G.)

Fonte: WebApacame – Veículo: Folha de Londrina - Seção: Notícias - Data: 02/07/2007 - Estado: PR

15 - Sociedade de Reumatologia compara prática à homeopatia

Curitiba - A Sociedade Paranaense de Reumatologia não indica a apitoxina como tratamento porque, conforme a entidade, a substância não tem um efeito benéfico maior do que os medicamentos modernos para doenças reumatológicas e nem promove a cura. "É como usar medicamentos que hoje em dia são obsoletos, além de representarem um risco em potencial de processo alérgico, ao invés de indicar drogas com estudos controlados em milhões de pacientes e amplamente recomendadas no mundo. Não vejo razão para usar terapia antiga", disse o presidente da sociedade, Acir Rachid Filho.

Segundo o reumatologista, existem alguns estudos clínicos publicados em revistas científicas que afirmam a ação antiinflamatória da apitoxina no organismo. "Semelhante ao que acontece com antiinflamatórios mais modernos, no entanto, as respostas são mais individuais. Por que trocar um remédio via oral, com ação curta no organismo (até seis horas), por outro cuja dosagem maior pode causar um choque anafilático e é eventualmente doloroso", compara Acir Rachid Filho.

O especialista informa que um estudo clínico para justificar picadas de abelhas no tratamento da esclerose múltipla foi realizado por pesquisadores holandeses da Universidade do Centro Médico de Groningen, em 2005. O trabalho mostrou que a apitoxina não reduziu a atividade da doença, a incapacidade e fadiga provocadas pela esclerose múltipla com surtos, nem mesmo melhorou a qualidade de vida dos pacientes.

"Se, de fato, a apitoxina provocasse resultados fantásticos para saúde seria muito mais difundida, tornando o seu uso até uma rotina. Ela tem apenas uma mera ação antiinflamatória, não tem ação curativa. Não recomendamos seu uso. Para nós é folclore, como a homeopatia", disse ele, contando que os efeitos colaterais dos medicamentos modernos, sobretudo no estômago, foram bastante reduzidos e que não se justifica usar outra droga por este motivo.(F.G.)

Fonte: WebApacame – Veículo: Folha de Londrina - Seção: Notícias - Data: 02/07/2007 - Estado: PR

16 - Mel vira sistema de alarme contra poluição

A colméia não é apenas a casa das abelhas: pode ser também um detector sofisticado e relativamente barato de poluentes dos mais variados tipos, indica uma pesquisa feita por cientistas da USP e da Unesp de Bauru, no interior paulista. Acontece que o mel produzido pelos insetos traz um registro espantosamente preciso das substâncias presentes no ambiente que os cerca, trazendo informações sobre, por exemplo, o uso de pesticidas nas flores que elas visitam. O trabalho de campo que chegou a essas conclusões foi coordenado por Marcos Vinicius Almeida, mestrando da USP de São Carlos. Almeida e seus colegas usaram como "voluntárias" as abelhas de um conjunto de colméias experimentais, que fica na Reserva Campo Novo Vargem Nova, em Bauru. Trata-se de uma área de mata nativa perto do campus da Unesp da cidade.

Embora morem perto da floresta, as abelhas domésticas (da espécie *Apis mellifera*) da reserva também visitam as regiões vizinhas, que incluem plantações de milho, pomares com mangas, pastos, uma área industrial e uma pista de kart. Almeida explica que a grande quantidade de indivíduos em cada colméia de abelhas ajuda a fazer uma cobertura bastante ampla da região - é quase como se elas fossem milhares de pequenos sensores, conseguindo amostras de todo o ambiente.

Essas amostras podem vir de quase todo o tipo de substrato, diz o pesquisador: "Os poluentes que encontramos podem vir da seiva das plantas, da água que as abelhas usam ou mesmo pelo ar, via dispersão atmosférica". O resultado é que o mel obtido em Bauru contém nada menos que 48 pesticidas diferentes. Alguns deles pertencem ao grupo dos organoclorados, especialmente tóxicos e proibidos no Brasil desde a década de 1980. Isso, no entanto, não é necessariamente motivo de preocupação, ressalva Almeida. "A maioria dos poluentes que achamos estão na faixa dos ppbs, ou partes por bilhão", conta ele. "Só um, o melation, aparece dentro da faixa dos ppps, ou partes por milhão."

Os níveis, por si sós, não são preocupantes para quem queira consumir o mel, por exemplo. Mas o trabalho é uma prova de princípio de que o doce produto do trabalho das abelhas pode ser usado como um indicador de qualidade ambiental. "Seria um sistema de alerta", diz o pesquisador da USP. Fábricas poderiam simplesmente instalar colméias em seus arredores e depois mandar analisar o mel, em vez de instalar aparelhos complicados. A única desvantagem é a análise do mel, que é relativamente complexa devido à composição do material. As informações são do portal de notícias G1.

Fonte: WebApacame – Veículo: Maracaju News - Seção: Notícias - Data: 30/06/2007 - Estado: MS

17 - Apicultores elegem diretoria da FEPA para o biênio 2007-2009

Dia 29/06, em Curitiba, no Instituto Emater, aconteceu o III Encontro Paranaense de Apicultura, momento em que desenvolveu-se palestras e deu-se a eleição e posse da nova diretoria executiva e conselho fiscal da FEPA (Federação Paranaense de Apicultores), cuja composição consta abaixo.

Diretoria Executiva:

Presidente (Adhemar Pegoraro), Vice-presidente (Francisco de Paula Xavier Junior), Vice-Presidente-Técnico (Lucimar Pontara Peres de Moura), Secretário (Almir de Oliveira), Vice-Secretário (Pedro Osmar C. Budil), Tesoureiro (Luiz Carlos Chequim) e Vice-Tesoureiro (Lyan Regina S.F. Amaral).

Relações Públicas: CAPITAL (Ronei José Três), SUL (Ernesto D. H. Breyer), LESTE (Jair Zeferino da Silva), SUDESTE (Eberhard Hüsich), CENTRO (Hélio Padilha Godin), SUDOESTE (Neuri Beche), NORTE (Tadeo Julio de Souza), NOROESTE (Aparecido Raimundo Ângelo), NORDESTE (Astorlpho H. T. Vilhena) e OESTE (Wagner Gazziero).

Conselho Fiscal: Titulares (Luiz Roberto Aleixo, Edumar Covasliki e Carlos Sommer) e Suplentes (Angelino Soares de Melo, Camilo Schwaab e João Amauri De Moura).

18 - 1º Fórum Apícola Associativo Região Sul

Começa hoje, às 19h, no Colégio Medianeira, em Santiago, 1º Fórum Apícola Associativo Região Sul. As palestras serão a partir de amanhã. O evento segue até sábado debatendo assuntos como mercado e técnicas de produção. Junto ao evento, haverá um concurso de mel, o Seminário Estadual de Apicultura, uma exposição de produtos e um encontro de produtores. As inscrições pelo www.ces-santiago.com.br, por R\$ 30 a R\$ 35.

Fonte: WebApacame - Veículo: Diário de Santa Maria - Seção: Economia - Data: 05/07/2007 - Estado: RS

SEAB
DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - deral@pr.gov.br
Fale conosco: andrades@pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031